

APRESENTAÇÃO

Quando Deus criou o mundo ele admirou sua obra e viu que tinha feito uma paisagem perfeita e nós a denominamos Éden¹.

O jardim é a natureza organizada, representado, às vezes, de forma rudimentar, desde o início da história humana, pois o homem sempre se preocupou em ligar a natureza com a sua habitação. Os pintores de todas as épocas se preocuparam em registrar essa ligação, inicialmente com a residência e, posteriormente, com a própria evolução das cidades, pela representação das áreas verdes urbanas.

De certa maneira, a imagem da paisagem construída aparece tanto na pintura como nos tratados de arquitetura. Estamos nos referindo a uma obra muito frágil e que nem sempre foi preservada satisfatoriamente, sendo alterada segundo as transformações das tendências dos diversos estilos, uma vez que o jardim é uma obra de arte que reflete as preocupações estéticas em curso no momento de sua criação.

Para podermos pensar sobre o surgimento da pintura da paisagem construída, na arte ocidental, primeiramente precisamos comentar as definições de paisagem, já que a mesma tem uma complexidade muito grande e seu conceito se amplia dependendo do ângulo pelo qual a analisamos.

A origem da paisagem como gênero independente na pintura situa-se no século XV e esta chega à sua autonomia no século XVII. A paisagem se revela logo como uma construção estética muito próxima da subjetividade humana. Uma paisagem, independentemente de ter sido aprisionada pelos instrumentais do artista ou em seu estado natural, faz ressoar as vozes interiores da subjetividade, quer seja na solidão, quer na vibração do cosmos no qual estamos inseridos.

Para Daniels & Cosgrove,² uma paisagem é uma imagem cultural, um modo pictural de representação, estruturando ou simbolizando arredores. Essas paisagens podem ser representadas em uma variedade de materiais e em muitas superfícies – pintadas em telas, escritas em papel ou elaboradas com terra, pedra, água e vegetação sobre o solo.

1 Éden em sumério significa “planície fértil”. Com a ressonância do termo com a palavra hebraica que significa “delícia”, entende-se, também, o jardim do Éden como “jardim das delícias” ou “paraíso”.

2 DANIELS, Stephen & COSGROVE, Denis. *The iconography of landscape*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

Javier Maderuelo³ nos lembra que a palavra paisagem é um termo moderno, um conceito que começa a se estruturar na Europa a partir do século XVI; já que anteriormente não existia essa palavra, vemos que a paisagem não é um objeto físico mas uma construção mental. Dessa maneira, o que faltava, até então, era uma consciência da paisagem. Como diz Maximiano, “a noção de paisagem está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. A ideia embrionária já existia, baseada na observação do meio”.⁴ Assim, no Egito, os jardins foram pintados nas paredes dos túmulos, registrando uma vegetação diversificada que era utilizada naqueles espaços. Mais tarde, o Império Romano também criou, em suas residências, paisagens decorativas, onde a natureza era representada com uma exuberância extraordinária. A casa romana trazia para o seu interior verdadeiros jardins pintados.

Simon Schama confirma que paisagem é cultura antes de ser natureza, mas que é preciso reconhecer que “quando uma determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais do que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário”.⁵

Quando Francesco Colonna escreveu *Hypnerotomachia Poliphili*, o sonho se revela numa paisagem que nos permite, pelas imagens oferecidas e pelo simbolismo que elas contêm, detectá-las na formulação dos projetos de jardins, a partir do século XV. A narrativa descreve um pequeno bosque que tem o objetivo de parecer selvagem, um bosque de palmeiras, um templo, uma pirâmide, um arco de triunfo, uma ponte, uma casa de banho, uma pérgola, um tanque de peixes, um labirinto aquático, ninfas, ruínas e um imenso jardim que envolve toda a ilha de Citera. Todos esses elementos se materializam mais fortemente em alguns momentos posteriores.

No século XVIII, em um retorno às características rústicas da Grécia arcádica, à mitologia e às soluções rurais romanas, vistas por um olhar idealizado, principalmente através da filosofia e da pintura, a arte de projetar paisagens transformará os traçados rígidos e regulares dos séculos anteriores. Naquele momento, os intelectuais, os poetas, os nobres e mesmo o homem comum com poucas posses apreciavam e criam jardins. Muitas dessas belas paisagens chegaram até os nossos dias.

Apesar de a fotografia ser uma fonte importante de documentação da paisagem no século XIX, os artistas pintores usaram a paisagem como assunto de seus

3 MADERUELO, Javier. Introducción. *Revista de Occidente*. Madrid, n. 189, p. 5, fev. 1997.

4 MAXIMIAMO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. *R.RA'E GA*. Curitiba/UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.

5 SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 70.

quadros. Entre os impressionistas, podemos citar Claude Monet, que retratou sua propriedade – o jardim de Giverny – de maneira constante. Uma de suas obras mais famosas representa o lago daquele jardim com suas plantas aquáticas – *As Ninfeias*.

O século XX vai ser tomado totalmente pela documentação fotográfica, dando nascimento, na pintura, a novos temas que chegarão até a abstração e, portanto, ao abandono da paisagem construída como assunto. São as fotografias que agora servirão de documento para sabermos como eram os jardins mais recentes na sua forma original, mesmo quando foram alterados ou totalmente destruídos. Entretanto, talvez por uma questão sentimental, alguns artistas ainda denominam seus quadros quase abstratos de jardim, como Paul Klee com o *Plano para um Jardim* e Wassily Kandinsky com o *Jardim do Amor*. Outros artistas pintam os jardins com um novo olhar e diversos elementos são acrescentados, registrando dessa maneira em suas telas a visão particular de seu jardim.

Se as ideias de paisagem e jardim são as geratrizes que dão movimento às discussões aqui trazidas, elas também definem o cenário e servem como guias desta publicação. Naturalmente muitos caminhos a serem seguidos surgem, sobretudo devido às oscilações conceituais e variações teóricas que os temas possuem. Todavia, vale reforçar que as análises construídas estão permeadas pelos conceitos relativos à ideia de uma paisagem construída culturalmente, pois as reflexões dos autores oferecem perspectivas para se repensar essa construção e, necessariamente, elas nem sempre cabem em formatos já pré-estabelecidos no estudo desses dois elementos, sobretudo aqueles cujo corpo teórico ainda se mostra regido por normas fixas ou dogmas já consagrados para se ler e interpretar a paisagem e o jardim sob determinada categoria.

A publicação está dividida em três partes distintas e ao mesmo tempo complementares, uma vez que cada reflexão trazida encontra no universo temático da paisagem o fio condutor que aproxima e justapõe questões voltadas tanto para os jardins quanto para a paisagem. Esse fato decorre de um dos mais marcantes atributos no qual o termo paisagem se inscreve: a polissemia. Nesse sentido, tanto a paisagem como os jardins são todo o tempo atravessados pelo universo da literatura, da música e das artes.

Os recortes temáticos propostos conseguiram potencializar pontes discursivas onde os termos da questão – paisagem e jardim – tornaram-se um duplo que desencadeia leituras não somente instigantes, mas também originais sobre esse tema, que se espelham no âmbito da cultura. A trajetória reflexiva se inicia a partir do fértil campo da literatura, e os autores percorrem o binômio paisagem e jardins através do recorte: *O jardim e a paisagem entre as dimensões da poesia e da literatura*. Em um segundo momento, as questões trazidas pelos três ensaístas revelam as dimensões das sonoridades e sua real “materialização” na paisagem e

nos jardins através da temática *Paisagens urbanas: narrativas visuais e sonoras – os deslocamentos, os usos e as formas da cidade*. Ao final, na seção *A paisagem sob o signo das artes: gestos, posturas e movimentos*, os três últimos ensaios aportam na pluralidade e nas variantes que o universo das artes e do cinema potencializa para se pensar a paisagem.

Independentemente das conclusões a que cada autor chegou, afirmamos a ideia de que o farol que deve iluminar o percurso e sinalizar as possíveis rotas a serem seguidas para se pensar a paisagem e os jardins encontra aqui nesta publicação uma “luz não dogmatizadora”, argumentações teóricas, conceituais e metodológicas que propõem outros pensares para o binômio paisagem e jardim, não se inscrevendo no arcabouço pré-existente sobre o assunto. Portanto, a partir de agora, os autores presentes neste número lançam ideias e perspectivas para outras possibilidades interpretativas da paisagem e dos jardins. Vamos a elas! Uma boa jornada através destes ensaios!

Carlos Terra

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Belas Artes

Rubens de Andrade

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Belas Artes

Agradecemos ao Professor Andrea Mariani, Titular de Língua e Literatura anglo-americana da Universidade de Chieti-Pescara (Itália), referência internacional sobre o tema “jardins”, em torno do qual fundou o grupo de pesquisa *Giardino nell’immaginazione artistica e letteraria*, e diretor da Série *Riscritture dell’Eden: il giardino nell’immaginazione artistica e letteraria*, com sete volumes já publicados, o ensaio inédito que abre, com erudição e brilhantismo, este número de nossa *Revista Interfaces: Dal mito dell’Eden alla critica ecologica: il giardino nella storia della cultura e nell’immaginazione letteraria*.

Os Editores